

O inconsciente Freudiano e o nosso. Jacques Lacan – O seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. – Giuliano Gallindo

Produzi esse texto para apresentar como contribuição no Núcleo de Investigação da técnica Psicanalítica: Metapsicologia – do Instituto de Psicanálise da Bahia. Tomei como ponto de partida o seminário 11 de Lacan no capítulo “O inconsciente Freudiano e o nosso”, complementando o estudo e o texto com a leitura da carta de Freud a Fliess – A etiologia das neuroses, e a produção freudiana de A interpretação dos sonhos, mais especificamente o capítulo – o esquecimento nos sonhos.

Lacan apresenta o texto “O inconsciente Freudiano e o nosso” dividido em 3 partes. Sua ideia é apresentar naquele momento (1964) conceitos e explicações que julgou serem importantes acerca do tema inconsciente.

No primeiro item ele inicia chamando atenção aos iniciantes do seu ensino sobre a importância da *fala*. Ele começa dizendo sobre seus escritos anteriores, e afirma que foi preciso todo um esforço do seu trabalho a fim de revalorizar o que ele chama de instrumento, a fala. O inconsciente que Lacan apresenta no seminário 11, é o inconsciente que aparece através de Significantes, e esses surgem no discurso livre, sonhos, chistes do paciente. Lacan continua apresentando o tema e ressalta a sua escolha para o seminário sobre aquilo que ele chama de “4 conceitos freudianos fundamentais”: inconsciente, repetição, transferência e pulsão.

Ele relaciona as noções de INCONSCIENTE – REPETIÇÃO – e algo interrogado, isto porque essa concepção do conceito se dará em uma aproximação em relação àquilo que nos impõe, como forma. “As duas flechinhas que vocês estão vendo indicadas no quadro depois de *O inconsciente* e de *A repetição* visam o ponto de interrogação que segue. Ele indica que nossa concepção do conceito implica ser este sempre estabelecido numa aproximação que não deixa de ter relação com o que nos impõe, como forma, o cálculo infinitesimal. Se o conceito se modela, com efeito, por uma aproximação da realidade que ele foi feito para apreender, só por um salto, por uma passagem ao limite, é que ele chega a se realizar. Daí somos requisitados a dizer no que pode dar – direi, sob forma de quantidade finita – a elaboração conceitual que se chama o inconsciente. Igualmente para a repetição.” (LACAN, 1964).

Para Lacan portanto, só no salto (que posteriormente ele chamará de hiância?), uma passagem ao limite, é que a apreensão do conceito se realiza. Isso para reafirmar ser possível uma elaboração conceitual do inconsciente, e da repetição.

E assim Lacan reafirma no início do tópico 2, *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*. “Antes de qualquer experiência, antes de qualquer dedução individual, antes mesmo que se inscrevam as experiências coletivas que só são relacionáveis com as necessidades sociais, algo organiza esse campo, nele inscrevendo as linhas de força iniciais. É a função que Claude Lévi-Strauss nos mostra ser a verdade totêmica (advém da ideia de totem), e que reduz sua aparência – a função classificatória primária.” (LACAN, 1964). Lacan já havia mencionado sua referência a Lévi-Strauss (Antropólogo) que rotula o campo científico da linguagem como Pensamento Selvagem.

Lacan diz que antes que as primeiras relações se estabeleçam como propriamente humanas, certas relações já estão determinadas. Para ele a natureza oferece como suporte, temas de oposição, melhor dizendo: “a natureza fornece, significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, lhes dão as estruturas, e as modelam.” (LACAN, 1964). As primeiras relações humanas, são orientadas por significantes da natureza (social/cultural?).

A linguística é o jogo combinatório operando em espontaneidade, sozinho, de maneira pré-subjetiva, e é isso que da estrutura ao inconsciente. “Antes de qualquer formação do sujeito, de um sujeito que pensa, que se situa aí – isso conta, é contado e no contado já está o contador. Só depois é que o sujeito tem que se reconhecer ali, reconhecer-se ali como contador.” (Como sujeito). O contador está presente antes de perceber-se como contador, como parte da história, nessa tomada de consciência Lacan afirma que é a linguagem quem garante ao “inconsciente” algo qualificável, acessível, objetivável. Aqui ele contrapõe os conceitos introduzidos por Freud, dizendo não bastar apenas afirmar que o inconsciente é um conceito dinâmico e faz referência ao homenzinho que enuncia – tenho três irmãos, Paulo, Ernesto e eu. A ideia da falta, sobre si, sobre o sujeito, ele só se percebe como sujeito após se enunciar como tal.

Lacan volta a chamar atenção a formação da *Ciência Humana*, mas que nesse ponto é preciso distinguir de psicossociologia, para ele nessa ciência (Humana) é a linguística, cujo modelo é o jogo combinatório operando em sua espontaneidade, sozinho, de maneira pré-subjetiva (já conhecida) - é esta estrutura que dá seu estatuto ao inconsciente. Volta a chamar atenção dos psicanalistas para não mais ignorarem esse terreno que ele apresenta, reafirma que não pretende manter os conceitos introduzidos historicamente por Freud, ele acredita ser este (o inconsciente freudiano), outra coisa.

Dizer que o inconsciente é um conceito dinâmico é substituir a ordem do mistério mais corrente por um mistério particular – a força, isto serve em geral para designar um lugar de opacidade. É a função da causa que Lacan quer apresentar, ele busca em Kant na publicação “*Ensaio sobre as Grandezas Negativas*”, referências para falar sobre a **hiância**, apresentando-a como função da causa. Referenciado por essas ideias Lacan diz que “ele (Kant) a inscreve no quadro das relações, entre a inerência e a comunidade – a causa não é por isso racionalizada.” (LACAN, 1964). O autor entende que cada vez que se fala de causa, há algo de anticonceitual, ou indefinido. Para ele, entre a causa e o efeito, há um buraco, algo que oscila no intervalo, e resume afirmando: “só existe causa para aquilo que manca”. Cita o exemplo da “ação-reação” e afirma, que um só existe porque há o outro, não há hiância nessa relação direta, apenas no final.

Lacan volta a comparar a sua proposta com a definição sobre o inconsciente freudiano: “ele se situa nesse ponto em que, entre a causa e o que ela afeta, há sempre claudicação.” Parece ser nessa claudicação que Lacan insere o que pode representar a noção de inconsciente freudiano. O importante, para Lacan, não é que o inconsciente determina a neurose, e concorda aqui com Freud, mas como ele mostra a hiância por onde a neurose se conforma a um real – esse que pode não ser determinado. Parece não importar mais para os autores o local que causa a neurose, mas sim, como essa neurose vai se estabelecer diante de um real, ganhar sentido?

Nessa hiância, algo ocorre a partir dela, algo estará sempre aberto, só que a neurose se torna outra coisa, uma cicatriz, uma marca do inconsciente. O autor faz referência nesse ponto a carta de Freud a Fliess sobre “*A etiologia das Neuroses*”, e diz que em sua busca o que ele encontra na hiância característica da causa é algo da ordem do *não-realizado*. Na carta Freud apresenta a Fliess a sua etiologia acerca das neuroses, ele supõe naquele momento que é a falta (a castração) a responsável pela instituição da neurose, e uma energia sexual não corretamente direcionada pode levar ao desencadeamento de sintomas. Posteriormente entendemos que essa energia sexual é vista como a libido.

“Nunca é sem perigo que se faz remexer algo nessa zona de larvas.” O analista ao visitar esse lugar precisa estar realmente preparado para lidar com esse mundo que ele evocou. Para Lacan, nem todo discurso é inofensivo, e isso Freud já mostrava ao falar sobre o *umbigo dos sonhos*, o centro incógnito, que para o autor não é outra coisa, senão a hiância, em comparação ao próprio umbigo orgânico. E finaliza o item 2 criticando os analistas da segunda e terceira geração, que se dedicam a suturar a hiância.

O autor começa o último ponto de sua apresentação introduzindo no domínio da causa a lei do significante. O que é essa causa? A hiância/tropeço? Ressalta que o inconsciente freudiano é diferente dos seus antecessores, mencionando diferentes definições acerca do inconsciente para retificar a sua fala, para Lacan, muitos dos autores anteriores a Freud conseguiam falar algo sobre o não-consciente, a existência de algo antes da consciência. Freud apresenta uma proposta distinta, revelando que havia algo homólogo em todos os níveis ao que se passa a nível do sujeito, para ele, esses outros níveis funcionam de modo tão elaborado quanto o do nível consciente, perdendo assim aquilo que parecia seu privilégio. E aqui Lacan resgata *A ciência dos sonhos* no capítulo “o esquecimento dos sonhos”, para ele o que Freud faz referência em toda a produção é ao jogo dos significantes.

A questão levantada por Lacan sobre essa produção freudiana é acerca do que há de comum entre as mancadas (chiste, ato falho, sonhos) o qual ele afirma: O modo de tropeço pelo qual elas aparecem. Em uma frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela (Lacan, 1964) – aqui remete novamente a hiância. É esse o ponto que parece intrigar Freud, o que há nessa falha? Parece ser aqui que “há” inconsciente. Ele entendia que ali parecia haver alguma outra coisa querendo se realizar, algo que aparece como intencional, mas com estranha temporalidade. *Parece nesse momento que os autores remetem a ideia do tempo do inconsciente.*

Freud então explorava o que se passa no inconsciente, através do que se apresentava a partir da hiância. Para ele, o que sobressai é como uma espécie de achado. Achado porque o sujeito se sente ultrapassado por aquilo, pelo que ele acaba achando ao mesmo tempo mais e menos do que esperava – mas que, de todo modo, é, em relação ao que ele esperava, de um valor único. A questão é que esse achado, na verdade é um reachado, e pode escapar novamente, instaurando assim a dimensão da perda, conforme Lacan, a falta.

Lacan traz como metáfora, o mito de Eurídice e Orfeu (mito do amor impossível? Euridice morre 2x), comparando a relação de Orfeu analista com o inconsciente. Parece que o que Lacan quer dizer com essa metáfora é que o inconsciente está sempre a um instante de “morrer”, sair do alcance, e o analista é o sujeito que sempre o busca.

O inconsciente de Freud aparece como descontinuidade, onde algo se manifesta como vacilação, e nesse ponto Lacan questiona: “se essa descontinuidade tem esse caráter absoluto, inaugural, será que devemos colocá-la sobre o fundo de uma totalidade?”. Ou seja, será que a descontinuidade, é o principal ponto de investigação sobre o inconsciente? Ele responde dizendo que esse *um* anterior a *descontinuidade*, não pode ser visto como *um*, visto que ele é uma fenda, um traço, uma ruptura. Por traz da ruptura, da hiância, não há o *um*. Ponto em que vale a pena destacar os termos UNBEWUSSTE – UNBERGRIFF (in-consciente – in-conceito[conceito-in]).

Esse limite vai se apresentar não no não-conceito, mas no conceito da falta. Para Lacan, o fundo é a ruptura, nela que surge a ausência, “como o grito não se perfila sobre fundo de silêncio, mas, ao contrário, o faz surgir como silêncio.” (Lacan, 1964). A síncope (perda súbita de consciência) do discurso se conjuga com o desejo do sujeito, a escapada do discurso se mistura ao desejo do sujeito. Lacan afirma que é na dimensão de uma sincronia que devemos situar o inconsciente – no nível de um ser, do sujeito da enunciação, é sempre esse sujeito, que por vezes em uma interjeição, numa invocação, ou mesmo no desfalecimento, é ele quem fala, trata-se, conforme Freud, do sujeito enquanto que indeterminado.

Por fim Lacan apresenta a ideia de Oblivium - o que apaga – o que? O significante como tal. Nesse ponto reencontramos a estrutura base, bem antes do recalque, o esquecimento, os elementos operatórios do apagamento, o que Freud designa, desde a origem, na função de censura. Freud utilizou como seu primeiro exemplo para caso de esquecimento o do Sr. Signorelli. Lacan chama atenção que a palavra SIGNOR, HERR, passa por baixo – o senhor absoluto, a morte, para dizer tudo, desaparece ali. Lacan explica que o SIGNIFICANTE Signorelli foi levado para o inconsciente (esquecimento).

Seria a morte a regulação do desejo de Freud? Lacan relembra que em determinado ponto Freud encontra-se com Nietzsche para enunciar, no mito dele, que Deus está morto. Seria isso uma forma de se proteger da ameaça de castração? Da falta?

Lacan conclui: “assim, o inconsciente se manifesta sempre como o que vacila num corte do sujeito – donde ressurgem um achado que Freud assimila ao desejo – desejo que situaremos provisoriamente na metonímia desnudada do discurso em causa, em que o sujeito se saca em algum ponto inesperado.” (Lacan, 1964)